

GALLETI, Camila; RIVETTI, Jéssica Melo (org.). **Feminismos em movimento**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2023, 300 p.

Alana Pacheco dos Reis Verani¹

Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

O livro “*Feminismos em Movimento*”, organizado por Camila Galetti e Jéssica Melo Rivetti, publicado pela Editora Luas em 2023, tem como proposta apresentar a pluralidade e a polissemia dos movimentos feministas na América Latina. A obra, idealizada como um dicionário feminista, dispõe do uso de verbetes para delinear práticas e teorias feministas. A diversidade dos feminismos, como movimentos plurais, engajados e historicamente localizados, é descrita de forma didática e acessível em seus 32 verbetes.

Essa obra voltada para um público, primordialmente, não acadêmico, que se interessa por conhecer os pensamentos e ações feministas no território latino-americano, também se constitui como um ponto de partida para a reflexão sobre as desigualdades presentes nas relações de gênero, além da compreensão de que “[...] a palavra feminismo é inescapavelmente polissêmica” (Venturoza, 2023, p. 264). Dessa forma, uma das qualidades de “*Feminismos em Movimento*”, como apontado por Venturoza (2023), é a de fornecer às pessoas leitoras uma pluralidade, não apenas de vertentes teóricas e políticas implicadas no movimento feminista, mas também das diferentes subjetividades que o compõem e animam.

Cada verbete, escrito por pesquisadoras (professoras universitárias, pós-graduandas e graduandas) e/ou militantes, aborda uma corrente de ação e pensamento específica, partindo de uma contextualização histórica dos principais problemas apontados e reivindicados por cada perspectiva. Os verbetes destacam as contribuições para a epistemologia e práticas feministas, não deixando de analisar criticamente suas lacunas e fragilidades. Na busca por abranger a complexidade do movimento feminista, a obra traz uma rica multiplicidade de vozes a partir de suas 37 autoras. Para além da diversidade de brasileiras, localizadas em diferentes regiões do país, a obra conta com a colaboração de três argentinas, uma espanhola e uma indígena Aymara da Bolívia.

Ainda que os verbetes contemplem estilos de escrita e formatos variados, as perspectivas feministas esboçadas na obra podem ser divididas entre aquelas com foco na teoria elaborada e que trazem a historicidade da corrente feminista; as que dão ênfase às práticas e estratégias utilizadas pelos feminismos como movimento social e, por fim, verbetes de temas pertinentes ao movimento feminista, mas que não constituem uma corrente teórica/prática em si.

Recebido em: 30/12/2024

Aceito em: 08/04/2025



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Entre os verbetes que miram nas contribuições teóricas das perspectivas feministas estão: *Anarcofeminismo, Ecofeminismo, Feminismo Anticapacitista, Feminismo Cristão, Feminismo Cultural, Feminismo Decolonial, Feminismo da Diferença, Feminismo Dissidentes, Feminismo Filosófico, Feminismo da Igualdade, Feminismo Interseccional, Feminismo Liberal, Feminismo Materialista, Feminismo Negro, Feminismo Pós-Colonial, Feminismo Queer, Feminismo Socialista, Feminismo Transgênero/Transfeminismo, Feminismo Transnacional e Marxismo Feminista*.

Tais verbetes oferecem uma importante contribuição aos estudos feministas ao recuperarem a memória do movimento e reconhecerem a multiplicidade das tradições intelectuais feministas. Destacamos o esforço das autoras em resgatar a contribuição de mulheres que, de forma pioneira, se focaram nas problemáticas das relações de gênero (Miriam Grossi e Caterina Rea, 2020), em suas respectivas áreas de estudos, assim como aquelas que participaram ativamente de movimentos sociais e políticos, mas que tiveram suas presenças apagadas por conta do viés androcêntrico do registro histórico (Joan Scott, 1995).

A partir da leitura desses verbetes, percebem-se as conexões históricas e argumentativas entre as perspectivas teóricas que compartilham o mesmo referencial. Os escritos de Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges e Simone de Beauvoir, e o discurso de Sojourner Truth – considerado um marco para os feminismos dissidentes – são os mais citados nesse conjunto de verbetes de genealogias feministas (Grossi, 2010; Martha Castañeda Salgado, 2018). Consideramos que essas genealogias auxiliam na compreensão de como tradições feministas se articulam e se reinventam, tanto no campo acadêmico quanto nos movimentos sociais, ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

Entre os verbetes que se atentam às práticas e estratégias políticas feministas estão: *Feminismo Anticapacitista, Ciberfeminismo, Feminismo Camponês e Popular, Feminismo Comunitário, Feminismo Institucional, Feminismo Jurídico, Lesbofeminismos, Feminismo Negro, Feminismo Radical e Feminismo Riot Grrrl*. Nestes são apresentados campos de luta e práticas engajadas que visam a transformações e mudanças sociais a partir do uso de diversificadas ferramentas de atuação. Em tais verbetes, é possível identificar uma ênfase nas perdas de direitos conquistados ao longo da história, com o destaque para a necessidade de atenção e vigilância frente aos que se sentem ameaçados por determinadas conquistas de direitos – como os garantidos pela Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340/2006), Lei do Feminicídio (Lei n. 13.104/2015), Lei da Importunação Sexual (Lei n. 13.718/2018), Lei da Igualdade Salarial (Lei n. 14.611/2023), pelo enquadramento da LGBTfobia como crime de racismo pelo Superior Tribunal Federal em 2019, entre outras – e pelos novos protagonismos políticos advindos de movimentos sociais.

É importante ressaltar que os verbetes de práticas e estratégias políticas feministas, acentuam a emergência de pautas nos movimentos feministas. Essas novas agendas demandam e agregam outras lutas políticas e sociais, considerando a diversidade da categoria “mulheres” e dos temas que atravessam essas experiências plurais. Como exemplo, citamos o verbete *Feminismo Camponês e Popular*, escrito por Vanessa Lazaretti, que se concentra na descrição da agenda de transformações que envolvem a luta de classes, autonomia política e um projeto de agricultura camponesa e agroecológica. Ou ainda o *Feminismo Comunitário*, de autoria de Adriana Guzmán, que trata de um feminismo que nasce a partir da corporalidade e territorialidade, cujo sentido e significado de feminismo é construído a partir das vivências das mulheres aymaras.

Há, ainda, o verbete dedicado ao *Feminismo Radical* que difere significativamente dos outros. Escrito em forma de manifesto por Tânia Swain, o texto expressa ideias e agendas que, embora deixem explícita uma postura contrária ao patriarcado, pontuam críticas inconvenientes ao movimento transgênero e a prostituição. Em termos de construção de argumento, o verbete destoa dos demais, tanto por não partir de um resgate da memória das intelectuais feministas radicais, como por apresentar o “feminismo” como um bloco homogêneo, invisibilizando contribuições valiosas aos estudos das relações de gênero e sexualidade. Em nosso entendimento, caberia salientar que foram as feministas radicais históricas que expandiram os questionamentos sobre as estruturas sociais e sua relação com a opressão das mulheres, que foram elas que fizeram críticas ao patriarcado, ressignificaram a sexualidade feminina e elaboraram uma reestruturação radical da sociedade como Shulamith Firestone (1974), Catharine MacKinnon (1987), Adrienne Rich (1980), Monique Wittig (2022), além de Gayle Rubin (2017), que, ao longo de sua carreira, voltou-se para perspectivas feministas *queer*.

Já os verbetes que não refletem sobre perspectivas feministas, mas que abordam temáticas de interesse feminista estão: *Antifeminismo*, *Feminismo Pro-Life* e *Ativismo Pró-vida*, *Feminismo e Prostituição* e, por fim, *Homens feministas?* Destacamos o de *Antifeminismo*, tema pouco abordado academicamente, mas de grande relevância, tendo em vista os avanços neoconservadores no Norte e Sul Global. Escrito por Camila Galetti, uma das organizadoras da obra, o verbete traz um olhar crítico sobre o pensamento antifeminista ao mostrá-lo como “crença que considera a teoria e prática feminista exagerada, nociva e/ou opressora tanto para homens quanto para mulheres” (Galetti, 2023, p. 28). Em um mundo neoliberal, em que as mudanças nas relações de poder geram insegurança à masculinidade branca e à família heteropatriarcal, narrativas antifeministas se aliam à lógicas neofascistas de extrema direita disputando eleições e alcançando espaços institucionais. O verbete nos alerta para a urgência de nos atentarmos, enquanto pessoas feministas, para as mobilizações antifeministas em espaços públicos e na vida cotidiana.

Diante do exposto, consideramos que a coletânea *Feminismos em Movimento* tem o mérito de mostrar a importância do olhar interseccional às práticas e epistemologias feministas, ainda que cada verbete corresponda a perspectivas e autorias distintas e, por vezes, contraditórias. A percepção de que os corpos são diversos, historicamente produzidos, marcados por alteridades complexas (Alinne Bonetti, 2012) e que os saberes são, inevitavelmente, localizados (Donna Haraway, 1995), permeia os 32 verbetes listados. Além disso, ao trazer diferentes correntes de ação feministas as quais, a partir de uma escolha consciente e ativa, reivindicam um lugar dentro desse universo (Ornella Maritano, 2023, p. 163), *Feminismos em Movimento* reconhece a pluralidade dos feminismos. Por fim, acreditamos que a obra oferece às pessoas leitoras um excelente guia introdutório às teorias, práticas e estratégias políticas feministas.

Referências

- BONETTI, Alinne de Lima. Antropologia Feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 36, p. 51-67, 2012.
- BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e altera a Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 ago. 2006.

BRASIL. Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o Código Penal para incluir o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 mar. 2015.

BRASIL. Lei n. 13.718, de 24 de setembro de 2018. Altera o Código Penal para tipificar o crime de importunação sexual e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 set. 2018.

BRASIL. Lei n. 14.611, de 10 de janeiro de 2023. Estabelece a igualdade salarial entre homens e mulheres para funções iguais ou de igual valor. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 jan. 2023.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 473**. Relator: Min. Celso de Mello. Decisão: 13 jun. 2019. Equiparação da LGBTfobia ao crime de racismo.

CASTAÑEDA SALGADO, Martha Patricia. El feminismo como paradigma científico. **YouTube**, 23 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0uAaNc8S6l0>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do Sexo: o Caso da Revolução Feminista**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1974.

GROSSI, Miriam Pillar. Antropólogas no século XX: uma história invisível. In: **DIÁLOGOS TRANSVERSAIS EM ANTROPOLOGIA**, 2010, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2010.

GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra. **Teoria feminista e produção de conhecimento situado**: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis; Salvador: Tribo da Ilha; Devires, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 1995.

MACKINNON, Catharine A. **Assédio sexual no trabalho**: um caso de discriminação sexual. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

MARIANO, Ornella. "Feminismo Lésbico/Lesbofeminismos". In: GALLETI, Camila; RIVETTI, Jéssica Melo (org.). **Feminismos em movimento**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2023. p. 158-167.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, [s.l.], v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Editora Ubu, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez. 1995.

VENTUROZA, Isabela. "Homens feministas?". In: GALLETI, Camila; RIVETTI, Jéssica Melo (org.). **Feminismos em movimento**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2023. p. 264-269.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.

Alana Pacheco dos Reis Verani

Doutoranda e Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharela em História (UFF). Integrante do Núcleo de Identidades de Gênero e Sexualidades (NIGS/UFSC). Bolsista de doutorado Capes.

Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus João David de Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: alanareisverani@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0814-1054>

Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes

Doutoranda e Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharela em Ciências Sociais (UFMS). Integrante do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). Bolsista de doutorado CNPq.

Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus João David de Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: tatianabezerralopes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1510-1774>

Como referenciar esta resenha:

VERANI, Alana Pacheco dos Reis; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Resenha da obra: *Feminismos em movimento*. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e104849, p. 133-137, maio de 2025.